

O PIAGA

PERIODICO LITTERARIO, CAIXEIRAL E NOTICIOSO

PUBLICAÇÃO MENSAL

*Comprender o infinito, a immensidade,
E a natureza e Deus.....*

G. Dias.

*Sem illusões, sem fé—nublado, escuro,
O presente e o porvir.*

G. Dias

GERENTE—AUGUSTO O. DE MORAES GUIMARÃES

REDACTORES—DIVERSOS

EXPEDIENTE

Assignaturas

POR 6 MEZES..... 500 rs.

NUMERO AVULSO..... 100 rs.

PACAMENTO ADIANTADO

O PIAGA sahirá em dia indeterminado.

AGENTE

EM CAXIAS — Benedicto Joaquim da Silva.

REDACÇÃO E GERENCIA Rua de S. Pantaleão n. 109.

ADVERTENCIA: — Todo negocio tendente a esta folha, é tratado com o Gerente, e toda correspondencia dirigida ao mesmo, e endereçada a caixa postal n. 22.

O PIAGA

Bibliographia

Devem recordar-se os nossos leitores da promessa que fizemos,—de externar o nosso juizo critico sobre a LYRA CEARENSE,—collecção de poesias do applaudido poeta Juvenal Galeno, que gentilmente nos offertou um volume d'esses versos.

Ha promessas que custa cumprir, não porque não seja agradável cumpril-as, mas pela pequenez intellectual de quem a cumpre.

E' o nosso caso.

Temos grande satisfação e immenso jubilo em tratar de uma individualidade litteraria do merito do poeta cearense, mas faltam-nos, infelizmente, os cabe-daes necessarios para isso.

A LYRA CEARENSE, é, como dissemos, um conjuncto de versos, versos bellos e primorosos.

A primeira parte é dedicada a memoria do grande Mestre,—o genial Gonçalves Dias, e é d'essa que principalmente, embora ligeiramente, vamos tratar.

Depois da leitura, aliás rapida que fizemos, mais creseceu ainda em nosso conceito o talentoso poeta: o estylo sublime da prosa de Alencar alli vive, alli está nitido.

Lemos, e com prazer.

A successão natural e facil de rimas que alli se nota, dá gosos ineffaveis ao leitor, que se enthusiasma e vae, pouco a pouco, sentindo-se elevado a uma branca região de sonhos, doces como o canto monotono da *araponga*, e onde se ouve um concerto embriagador de maracás e de cantos de guerra indigenas...

Quando o poeta enthusiasma-se, e vibra com vigor a rima forte e sonora, vem logo a lembrança de quem o lê. a imagem varonil de Pery, ao passo que, quando a rima é amena e de um sabor exquisito e selvagem, parece que ouve-se

a branda voz de Iracema murmurando uma canção tédida e repassada de ternura amorosa...

Deixemos, porem, de parte, essas impressões que sentimos e tratemos da obra em sua essencia: o merito litterario.

Mas...tratar como e para quê?

Repetir o que outros já o disseram: Juvenal Galeno tem merito e merito real?

Seria pretensão nossa, porque só o poderíamos fazer com menos proficiencia do que os que o tem feito.

E demais, quem que, tendo alguma cultura já não o leu, já não apreciou?

Portanto, fiquem estas humilimas linhas, como penhor de gratidão do PIAGA ao poeta inspirado na grandesa inegualavel do immortal mestre e que, sem duvida, é, d'entre os poetas vivos, o mais nacional, o mais brasileiro de todos.

A' Juvenal Galeno, --os reiterados agradecimentos do PIAGA, que sabe render culto ao merito, que sabe curvar-se ante o talento, mas, ante o talento unicamente.



O nosso jornal

Devido a grande falta do amor pelas letras que atravessa o nosso Maranhão, é que deixamos de publicar quinzenalmente a nossa folha, passando a ser mensal.

Nossos assignantes e conterraneos, ainda achavam caro a assignatura e preço de nosso jornal, e, isto desanimou-nos bastante, não pela força de vontade que tínhamos muito, mas, pelo alarma que se erguia sobre o valor de nosso «Piaga». — «E' muito caro!...» E' de perdoar tudo isto; o Maranhão, já não atravessa a quadra dos Lisboaes, Sousas, Mendes, Dias, Galvãoes e outros, não; é o Maranhão que escuta e sonha a harmonia do metal sonante e abomina palavras cadenciadas e prosas fastidiosas de jornaes litterarios. Tem razão.

Não fallamos na totalidade, porque, *tem ainda um lado sensível que o todo do mundo não pode manchar.*

A' benevolencia des a mocidade briosa que principia e aos homens de consciencia entregamos a nossa folha.

Nenem

A O BENEDICTO SILVA

Nenem era muito jovem, contava dezoove annos. Morena como o jambo, olhos negros e chispantes, bocca pequenina, e uns dentes perolinos

Aureolada por uns cabellos negros como o ebano polido, trazia nos labios bem formados um riso encantador.

Era um riso infantil; o riso da virgem que ainda não comprehendia o mystico poema do coração o Amor—

Era creança!

N'uma noite de Fevereiro, em um baile, foi que vi Nenem, pela primeira vez.

Estava bella

Dirigi-me a ella e tirei-a para uma contradança Americana

Acceitou-me

Tremulo de tel a junto a mim, não resisti ao contacto de Nenem...

Disse-lhe que a amava, olhou-me receiosa e com as faces coradas pelo pudor virginal, emmudeceu e não mais fitou-me.

Amava-me.

S. Luiz Janeiro de 99.

Moraes Gutmarães



Bemdicto botão

Corria alegremente o mez do Maio, o mez das flores.

A' virgem mãe de Deus, eram tributadas as honras devidas.

Precisava d'um estimulativo capaz de fazer esquecer-me as fadigas do trabalho. Onde encontrar? Unicamente no seu terno olhar! vê-la, comrimental a bastava para a realisação dos meus desejos!

N'esse intuito regresssei ligeiramente para casa onde cheguei saptisfeito: ia achar o que procurava.

Que contraste! a surpresa que me apresentou foi de effeito contrario a sua expectativa.

Estava envolvida em requintada *toilette*: ostentava um caprichoso penteado, o que ao

meu vôr desfigurava a, tornava a sobremaneira diferente, e talvez... quem sabe? seduziria quantos a vissem: a mim, porém, é que não.

Estando habituado a encontra-la simplesmente vestida e ligeiramente penteada, não pude deixar de manifestar o meu descontentamento; a minha phisionomia exprimiu o e ella fellsmente comprehendeu

.....
Ante o contrario successo, ella desappareceu através das cortinas da alcova, donde regressou pouco depois, tal qual eu suppoz encontra-la.

Oh! que grande abnegação!
O que seria? Que pretexto preparou para quando fosse interpellada!?

.....
Não vaes ao baile? porque?
«Estou indisposta, e, além d'isso cahiu um botão da botina»; foi a resposta.

.....
Não tive phrase para agradecer-lhe tão grande sacrificio; pude apenas murmurar: Bemdicto Botão.

Pedro A. dos Reis

Janeiro, 1899.

João Quintilio Genovez

E' com bastante saudade e sentidas lagrimas que fallamos no nome do infeliz moço, João Quintilio Genovez.

E' incrível, que na manhã da vida, no despontar da aurora do porvir, fosse reçar os labios na profundesa do abysmo, quando devia, aos beijos de extremecida mãe e irmã, accenar o futuro, colorido de mais sagrados painéis de riso e esperanças. Era Genovez escrevente do vapor «Occidente,» e tendo feito algumas viagens, mostrava rebuete e bastante coragem para a vida dos nautas; porém, a fatalidade não o quiz faser seguir o curso do destino. Por um accesso, segundo nos consta, jogou-se ao mar na barra de Bragança, na occasião em que o vapor sahia. Era escura a noite e ninguem assistio a desgraça de Genovez; quando deram-lhe por falta; já tinha desaparecido na profundesa das vagas.

Lamentamos um tão desastroso acontecimento.

A sua inconsolavel familia, enviamos nossas sinceras condolencias.

Tenente Coronel Lazaro Antonio Vieira

Falleceu em 29 de Dezembro ultimo, o venerando ancão, Tenente Coronel Lazaro Antonio Vieira commandante dos Guardas da Alfandega.

Os 74 annos de sua vida, Lazaro soube empregar-os em continuo labor e honestidade. Exerceu, por muitos annos o professorado da Freguesia de São Joaquim do Bacanga, onde muito estimado e respeitado, foi uma influencia n'aquelle lugar, prestando relevantes serviços á politica a que pertencia. Aposentado, empregou-se n'alfandega, e, ahi, como sempre, demonstrou o seu character franco a aptidão precisa e a estima de todos no cargo que occupava.

Fallecido em seu sitio — «São Joaquim» — n'aquelle Freguesia, pediu, antes de morrer que seu cadaver fosse repousar o ultimo somno junto á aquelles que lhes eram charos.

Lazaro, deu com isso, uma prova do grande amor pela familia e pelo lugar onde desenvolvera seus dias de creança. Foi enterrado em um pequeno cemiterio, pouco distante do sitio onde fallecera. A' seu genro o sr. Alberto Fortuna, á suas irmãs, á suas filhas e á sua sobrinha D. Francisca Petronilha Rodrigues, nossas sinceras condolencias.

A Luz

Temos sobre a mesa de trabalho este importante organ do Centro Espirita de Curitiba, estado do Paraná.

Pela vez primeira nos coube a immensa gloria da amavel visita da gentil collega

Suas paginas vêm ornadas com escriptos de primor. Leitura docile e agradavel, que nos faz seguir, de coração, a ideia sublime que a nossa distincta collega tem abraçado na luta da Imprensa.

E' extremamente admiravel a «Assistencia aos necessitados.» Sua constancia pelo bem, é a prova exuberante que, nesta quadra de egoismo, em que vivemos, ainda existem corações benevolos que sabem comprehender esse horrivel cataclisma que r uma parte da humanidade soffre:—A miseria—Se a dou-

O PIAGA

trina do Espiritismo professa a Caridade, como demonstra em seu organ da imprensa, è essencial que ella exista, porque, como diz Junqueira Freire, o nosso mavioso bardo:— «A caridade que Christo ensinou, não é egoista, não; é a imagem real do pelicano que despedaça o coração e alimenta os filhos. Avante.



Escrinio do Lar

Fiseram annos:

Em 7 o sr. Nuno Alvares de Pinho, chefe da 3ª secção do Thesoiro do Estado;

Em 12, o sr. João dos Santos Lima, escripturario da mesma repartição;

Em 17, o sr. Manoel Lindoso, caixeiro da casa dos srs Irmãos Guimarães.

Em 18, a Exma, S^{ca}. D. Apprisca Bilio Martins, digna consorte do sr. Chrispim Antunes Martins, habil escripturario do Thesoiro do Estado;

Em 23, as gentis senhoritas Emerentiana Ennes de Lemos Marinho e Lydia Augusta de Moraes Guimarães, presada irmã do nosso laborioso gerente, Augusto Guimarães.

A' todos, nossas respeitosas saudações.

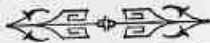


Da Bibliotheca Publica do Estado, recebemos em delicada cartão, o que se segue:—

«O Director da Bibliotheca Publica do Estado do Maranhão, cumprimenta a illustre Redacção d'O «Piaga,» pela entrada do novo anno e espera que continue a dispensar á causa do desenvolvimento d'áquella instituição, o seu valioso concurso, remettendo lhe, como até agora tem feito, o excellente jornal que tão dignamente dirige.

S Luiz 1^o de Janeiro de 1899.

Agradecidos



Nuno Alvares de Pinho

Foi esplendida a manifestação feita pelos empregados do Thesoiro do Estado ao Sr. Nunes Alvares Pinho, chefe da 3ª Secção d'aquella Repartição

Foi legal o que fez esse illustre pessoal. O Sr. Nuno Pinho é um moço que tem sabido manter o seu character, na fileira corre ta dos homens de virtude. Seu procedmento,

quer como empregado publico, quer como particular; não ha que desejar, de melhor, na expressão da palavra.

Em 12, o mesmo pessoal, foi comprimentar ao Sr João dos Santos Lima, habil escripturario da mesma Repartição Fez annos, e, reunidos foram abraçar, quão distincto e virtuoso collega.

VARIEDADE Côres

A' BIDICO RODRIGUES

Roxo, magua

Quando curvei a fronte ante o fulgor dos seus olhos, embebi minh'alma no doçura do seu riso d'a jo e preendi o coração nos élos de sua cabelleira d'ouro, senti a tristeza apoderar-se de mim, mas a tristeza da duvida, que tornou minh'alma em lyrio em-murchecido...

Azul, ciúme

Tinha zelos de tudo.

Si a sua bocca feita de coraes e perolas, soltava a caval na de uma gargalhada fresca, si os raios de seus olhos illuminavam a ou trem, si o seu labio em flor entremecia se a soltar a harmonia da palavra que enleva, tinha zelos, tinha ciúme Porque seus risos, seus olhares, suas palavras, deviam ser para mim, só para mim...

Vermelho, lucta

Si um dia ella não me olhava a sorrir, si mostrava-se esquiva, sentia dentro em meu peito uma lucta atroz entre o amor e o orgulho, que fazia me o coração derramar lagrimas secretas, gott jando sangue...

Amarello, desespero

Si ella ia ao baile, si outro, que não eu, ia enlaçar-lhe a ciotura breve, ia lhe sentir lhe as brandas off gações do seio, vi-brava-me n'alma o desespero...

E eu pedia com ancia um lenitivo ás maguas um alivo ás dôres!...

Branco, paz

A dor também acaba: a certeza do seu amor illuminou-me a vida!

Hoje, que me falta? Haurir a ultima gotta do cal x da ventura

A deusa da paz, a deusa da felicidade, estendeu por sobre nós as azas brancas como a flor da lorangeira, e leves como um eterno véo de noivado...

D, Barbosa